

O AMIGO LEAL

*Falávamos de afeto e ligações humanas,
Destacando uniões formosas e ideais,
Tanto quanto anotando atitudes insanas
Que, muita vez, transpiram
De casos passionais,
Quando um amigo afável e sizudo,
Que nos seguia o estudo,
Exclamou para nós, de modo convincente:*

*— Tudo quanto dizeis é verdade inconteste
Sobre os entes queridos que lembrais,
Entretanto, igualmente,
Se falamos de amor, é preciso se ateste
O amor dos animais.*

*E como se tivesse ali, de lado,
O passado recente,
Contou, emocionado:
— Em minhas lides de engenheiro,
Fui, certa vez, designado
Para serviços na fronteira;
Levei comigo a companheira,
O pequeno filhinho, —*



— um garoto de aninho, —
E o nosso velho cão policial
Que recebera, em nossa companhia,
O nome de Leal.
No trabalho incessante em que me via,
Fosse qual fosse o ambiente,
Possuía em Leal o cão valente
Que nos guardava a casa, dia-a-dia;
Ensinei-o a velar por nosso pequenino
E dedicou-se o cão, de tal maneira,
Que mantinha atenção, semana inteira,
Entre a porta do quarto e o berço do menino.
Morávamos, então, no agreste bravo...
Achavam-se, não longe, algumas feras;
Era o lobo e, além dele, era o jaguar,
A rondarem malocas e taperas...
Necessário, porém, agir e trabalhar,
Orientando a agrimensura.
Tinha sempre dois homens, de vigia,
Na defesa do lar,
Junto de atenciosa governanta.
Minha esposa saía
Algumas vezes para compras justas,
Usando o nosso jipe reforçado
Para atingir pequeno povoado...

O narrador fez pausa e tornou, em seguida,
Expressando-se em voz mais comovida:
— Certo dia de ação com mais ampla demora,
Voltei ao lar, mais tarde... Noite escura...
Ausentara-se a esposa e a governanta
Atendia, em conversa, um tanto lá por fora,
A diversos parentes
Que, por certo, lhe vinham à procura...
Os vigias andavam pela brenha
Buscando para nós

Alguns feixes de lenha...
Acompanhado de um amigo,
Ansioso, ouvi a voz
De meu filhinho em algazarra...
Naquele choro de pavor,
Pressentia perigo
Francamente, a gelar-me...
Em vão, tentei fazer qualquer alarme;
O companheiro me seguia,
Enquanto, em minha inquietação,
Só escutava a gritaria
Do filhinho a cortar-me o coração...
Varei a porta aberta
Da habitação que vi claramente deserta...
Foi, então, que a tremer, desorientado,
Vi o cão a correr para junto de nós;
Leal se nos mostrava, ensanguentado...
Mancando, ele gania,
Não sei se de loucura ou de agonia...

O companheiro disse a mim:
— O cão está zangado, dê-lhe o fim,
É preciso afastá-lo, sem tardança,
Deve ter atacado a indefesa criança.

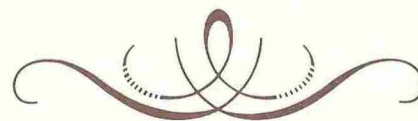
Tomado de terror, atirei sobre o cão,
E, ganhando os recessos do aposento,
Vi meu filhinho salvo, aconchegado ao leito,
Sem qualquer sofrimento,
Mas um jaguar jazia, ali no chão,
Certamente abatido por Leal.
O cão, com segurança e eficiência,
Liquidara, afinal,
A fera perigosa
Que penetrara em nossa residência.

Com meu filho nos braços
Retornei à presença de meu cão;
Ansiava mostrar-lhe a nossa gratidão,
Mas Leal enviou-me um derradeiro olhar...
Sufocado de dor, nada pude falar.
No instante de morrer, no terrível revés,
Leal ainda arrastou-se com cuidado
Para beijar-me os pés!...

Calou-se o narrador,
Sob o peso cruel da própria dor.
Depois, disse a chorar:
— Neste Infinito Espaço em que habitamos,
Deve haver um lugar
Que acolha os animais,
Amigos quase humanos,
Em plena evolução, à busca de outros planos...
Sempre aceitei os cães por nossos cireneus,
Os animais também são criaturas de Deus...

Aquela história viva,
Que ouvíramos, ali, de ânimo atento,
Fez o ponto final de nosso entendimento.

No entanto, o companheiro,
Que nos falava de Leal,
Fitava o Azul Imenso, a Pátria Universal,
E, qual se transmitisse um sublime recado
Ao próprio coração,
Clamava, consternado:
— Deus não me negará resposta à constante oração...
Hei de achar o meu cão!... Hei de achar o meu cão!...



DE MÃOS UNIDAS

Não temas, alma querida!...
O vendaval que se escuta
É a Terra que vibra em luta
Nos dias de transição...
Prossegue, ao clarão da fé,
Varando os campos sombrios
E os tremendos desafios
Que agitam a multidão.

Aqui se fala de guerra,
Ali, é ódio avançando,
Além, as provas em bando
Arrancam duro clamor!...
Entretanto, continua
De ânimo firme e atento,
Plantando, em cada momento,
A paz que precede o amor.

Sê o ouvido em que se extingue
A gritaria do insulto,
A força do braço oculto
Que serve sem reclamar...
Sê a palavra calmante